



DIURNA.

Nº 4

A NOSSA HISTÓRIA

UMA VISITA AOS
BASTIDORES DO JORNAL
ACADÉMICO DA CATÓLICA PORTO

EDIÇÃO ESPECIAL

MAIO 2021

EDIÇÃO
MAIO 2021

NÚMERO IV

EDIÇÃO ESPECIAL

A NOSSA HISTÓRIA

UMA VISITA AOS BASTIDORES
DO JORNAL ACADÉMICO DA CATÓLICA PORTO

DIURNA.

a ousadia de escrever

8 **A NOSSA MISSÃO**

QUE PROPÓSITO REGE O DIURNA.?

A HISTÓRIA DO DIURNA. 9

UMA VISITA GUIADA AOS NOSSOS BASTIDORES

25 **E AGORA?**

O QUE PENSAMOS PARA O FUTURO?

TESTEMUNHOS 26

A VISÃO DOS QUE NOS ACOMPANHAM

D.

Editorial

Sou dos que fica profundamente tocado pela ideia de criar algo do zero. Pelo desafio. Pelas enormes possibilidades que tal constitui. E pela emoção de, com o passar do tempo, ver uma ideia florescer. Dar provas.

Lembro-me de ter escrito algo semelhante a isto na primeira entrevista que dei ao *site* da Faculdade de Direito, aquando o lançamento da 1ª Edição, a título de apresentação do jornal. Se esse ponto de partido é-me caro e essencial que seja, por isso, reiterado, há outras reflexões que, agora que completamos o primeiro ciclo, não quero deixar de fazer.

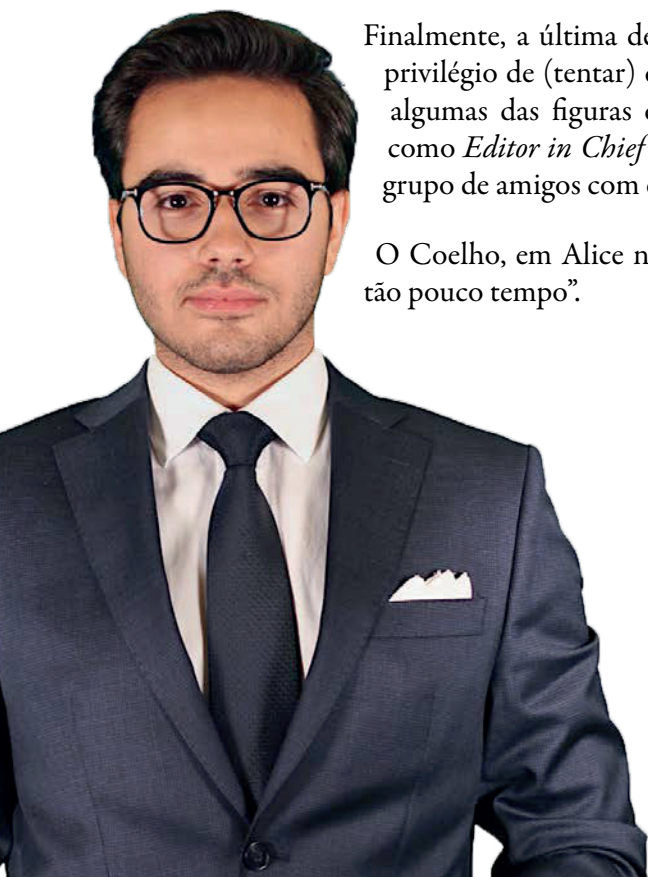
A primeira de todas: o que significou o **Diurna.**, para mim, enquanto parte da Católica? Uma oportunidade. Para calcorrear caminhos que, literal e metaforicamente, de outro modo, me seriam estranhos. Para conhecer as Pessoas que constroem a instituição, em toda a linha: os rostos que passei a associar à missão e ao trabalho. Foi por causa do **Diurna.**, no seio de uma pandemia que nos afastou de tudo e de todos, que senti mais intensamente o conceito de *alma mater*.

A segunda: o que significou o **Diurna.**, no âmbito da minha formação? Muito. Há uma citação que qualquer jovem estudante da Licenciatura mais antiga da nossa casa conhece e que resume bem isto: “quem só sabe de Direito, nem de Direito sabe”. O jornal ensinou-me coisas que os livros não dão e pôs-me à prova. Saber perguntar. Saber ouvir. Saber esperar. Saber fazer. Saber procurar. Saber contactar. Saber relacionar. Saber qual o momento. Saber liderar. Saber o gerir o meu tempo. E, por incrível que pareça, a saber vencer, sem tomar como garantido um único dado. A cada Edição nova, estava tudo por provar.

Finalmente, a última desta tríplice: como pessoa, o que me trouxe o **Diurna.**? O privilégio de (tentar) deixar uma marca. A possibilidade de conversar e conhecer algumas das figuras que sempre me inspiraram. E a enorme honra de assinar como *Editor in Chief* o trabalho de uma equipa que, para lá disso, é também um grupo de amigos com quem cresci e fui mais longe.

O Coelho, em Alice no País das Maravilhas, di-lo melhor: “há tanto para fazer e tão pouco tempo”.

Nuno Brochado de Agarez
EDITOR IN CHIEF - DIURNA.



D.

Editorial

Este projeto, que nunca fora programado, e que assume agora uma fase mais madura e de reafirmação, não só da sua qualidade, mas também da sua multiplicidade, é a concretização de uma visão, de uma conversa no final de uma aula que, com garra e motivação se conseguiu erguer. O Diurna. é para mim a prova de que algo só é impossível até o deixar de ser.

Por incontáveis razões, sempre tive dificuldade em dizer não a um desafio, quer no desporto, quer na vida académica ou até mesmo no desenrolar da minha vida pessoal. Por isso mesmo, quando a equipa foi criada, havia uma grande pressão para não abraçar mais um projeto, no meio de tantos compromissos que já compunham o meu dia a dia – conseguem imaginar qual foi o desfecho. A verdade é que, em retrospectiva, o meu desenvolvimento nas demais dimensões apenas foi possível com o sair da minha zona de conforto, um pouco clichê, confesso.

Testemunhar em primeira mão a magia de algo tão especial, tão peculiar e talvez circunstancial, tem sido uma jornada gratificante, e que, como tudo grandioso e belo, requer grande engenho e devoção de uma equipa de elite. As edições no seu estado final são fruto de discussões, partilha de vivências, enorme competência e muito, muito trabalho. Desde o brainstorming feito reiteradamente com uma edição de antecedência às dificuldades técnicas com o upload de um ficheiro cujo tamanho aumenta incontinentemente. É impressionante o quão aprendemos e partilhamos de edição para edição. A bagagem que cada um de nós ganha ao poder oferecer e receber conhecimento das diferentes áreas.

Existem, naturalmente, momentos que me marcaram. O surgimento do primeiro rascunho daquilo que seria o nosso código de imagem que, honestamente, pauta a essência da nossa equipa – sofisticada e sóbria. As reuniões com a Professora Ana Madsen aquando escrevemos a edição especial do segundo volume do Diurna. religiosamente encetadas às 21 horas. Esta última foi, inquestionavelmente, uma das experiências mais marcantes da minha vida académica. Da troca de referências ao humor partilhado, levo memórias que julgo serem das melhores alguma vez criadas em contexto de trabalho. Mais ainda, as entrevistas feitas ao lendário Professor Carvalho Guerra e à inigualável Professora Isabel Capelo Gil. As sessões de aconselhamento com os padrinhos deste projeto, a Professora Ana Andrade e o Professor António Agostinho Guedes. Recordações que guardo e revisito de quando em vez.

O jornal tem ainda muito potencial a explorar horizontalmente, ainda assim, são insuficientes as palavras para descrever o quão orgulhoso estou de fazer parte de algo tão multidimensional, tão ousado.

Daniel Fonseca
EDITOR & HEAD OF DESIGN - DIURNA.



D.

Editorial

Fazer parte do Diurna. é fazer parte de uma equipa profícua e multidisciplinar. Mas é, também, aprender a trabalhar com amigos, é aprender a ouvir “não” de forma construtiva, é aprender a conciliar ideias.

Como é que chegar aqui é possível? A minha viagem pelo **Diurna.** iniciou-se com um telefonema, lá para meados de outubro, no qual o Nuno lançou o desafio de criarmos de raiz um jornal académico para todos os estudantes da nossa Universidade. Desafio este que não consegui resistir, desde logo pelos valores do projeto.

E que valores são estes? Atitude crítica. Diversidade. Colaboração. Compromisso. Assumimos a atitude crítica como valor pois, desde o início, quisemos servir de ponto de partida para a reflexão, nomeadamente através da introdução de artigos que mostram “os lados da moeda”, como foi o caso da aplicação “StayAway Covid”, em que se lançou uma perspetiva de Direito e uma perspetiva de Ética ou, até, pelo artigo do médico e intensivista Gustavo Carona, intitulado “Toquem-se nos corações”, cujo propósito foi consciencializar a comunidade para a urgência do cumprimento das medidas implementadas pelo Governo para o controlo do vírus. Primamos, de igual forma, pela Diversidade e Colaboração, pois queremos aproveitar a proximidade entre as faculdades para fomentar a colaboração entre todos os alunos. Exemplicação clara foi o artigo “Associativismo” onde reunimos os testemunhos de todos/as os/as presidentes das associações de estudantes da nossa Universidade, assim como da Federação Académica do Porto, relativamente aos desafios implementados pela pandemia no associativismo estudantil. Desta feita, comprometemo-nos a que este não seja um mero projeto de passagem, cuja vida se resume ao percurso académico dos seus fundadores. Pelo contrário, queremos que este projeto perdure. Para isso, após a escuta ativa de alguns pareceres, assumimos o compromisso de todos os semestres lançar duas edições e respetivas edições especiais. Até agora, mesmo com a particularidade deste projeto surgir apenas em outubro de 2020, em cerca de um mês, montamos a primeira edição e, um mês depois, anunciávamos a segunda, cumprindo, por isso, com o objetivo estabelecido.

Contudo, também passamos por alguns contratemplos. Apesar de o Diurna. estar pensado para ser desenvolvido em modo online, não fosse este um projeto nascido em plena pandemia, a verdade é que esperávamos que fosse possível uma maior interação com a comunidade académica através de instrumentos que, necessariamente, envolvem a nossa presença na faculdade

Posto isto, apesar de todos os altos e baixos, é impossível ficar indiferente ao Diurna., seja pelos seus projetos, seja pelos seus valores, seja pela equipa. Este será para sempre um projeto marcante que me permitiu crescer.

Lúcia Catarina Ferreira
EDITOR - DIURNA.



D.

Editorial

O **Diurna.** partiu de um desígnio comum que aglutinava todos os seus membros fundadores: o de criar um jornal plural, interdisciplinar e que aglomerasse todos os saberes que constituem aquilo que é a Católica do Porto. Pluralidade esta que perpassa todas as dimensões do jornal: os seus membros, os temas abordados e as opiniões retratadas.

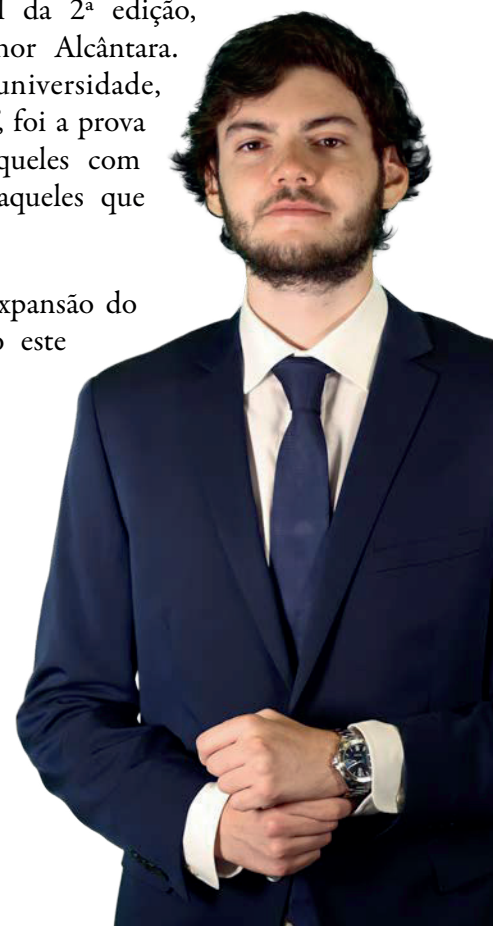
Inspirados pelos grandes jornais universitários (designadamente o *Harvard Law Review*) mas nunca olvidando a necessidade de uma adequação ao *locus* universitário português, o **Diurna.** foi, paulatinamente, ganhando o seu espaço nos meandros da UCP Porto: de Maria Clara Sottomayor a Isabel Capeloa Gil, passando por António Lobo Xavier e D. Manuel Clemente, todos estes ilustres convidados (sem descurar os próprios estudantes que foram, nas suas respetivas áreas, contribuindo de forma indelével para aquilo que é este nosso projeto) fizeram do **Diurna.** aquilo que ele é hoje.

Num plano mais pessoal, parece-me necessário destacar dois momentos que assumiram um grande relevo: o lançamento da primeira edição, num circunstancialismo muito concreto e num ambiente de uma certa “desconfiança” e dúvida, que facilmente foi contrariada pela qualidade do projeto que apresentamos.

Em segundo lugar, todo o processo de feitura da edição especial da 2ª edição, conjuntamente com a Professora Inês Espinheiro Gomes e a Leonor Alcântara. Enfrentar o conservadorismo que ainda caracteriza a nossa universidade, especialmente através de um texto sobre “teorias da interseccionalidade”, foi a prova viva que o **Diurna.** pretende abordar todos os temas, mesmo aqueles com potencialidades disruptivas, nunca limitando a liberdade criativa daqueles que escrevem nem pretendendo impor cartilha ideológica alguma.

Assim sendo, afigura-se como patente o potencial de crescimento e expansão do **Diurna.** como jornal de referência da Católica do Porto, devendo este procurar reinventar-se (como aliás tem feito) edição após edição.

João Paulo Coutinho
EDITOR - DIURNA.



D.

A NOSSA MISSÃO

“

(...) entendo que um jornal de estudantes é um ato de cidadania.
É importante para a Universidade.

Isabel Capelo Gil,
Reitora da Universidade Católica

Quando imaginamos o **Diurna.**, antes mesmo de este ter nome, forma ou uma Equipa bem definida, conforme poderão ler na História que discorreremos a seguir, entendemos algo de fundamental: a pluralidade seria a chave para o (eventual) sucesso.

Sediados numa Universidade cuja morfologia é única em Portugal — por se dividir entre quatro *campi* dispostos por zonas tão diferentes do país: Lisboa, Porto, Braga e Viseu — sabíamos que a multiplicidade de saberes e de ideias que se faziam notar pelos nossos corredores era sintomática dessa diversidade.

Mais, a causa académica é, especificamente no *campus* do Porto, de uma riqueza imensa: conjugamos diferentes Escolas, desde as ciências exatas às ciências humanas, passando pelas ciências da saúde ou das artes, no mesmo espaço com vista para o mar.

Esse modo de ver o Mundo e a Vida, necessariamente tão díspar entre as partes, só poderia ser, também, a forma do **Diurna.** se apresentar. Todavia, não só para benefício direto do leitor mas, também, numa justíssima (vontade de) colaboração para a edificação de uma sensação de pertença à Católica Porto.

(...) a pluralidade seria a chave para o (eventual) sucesso.

Através do **Diurna.**, enquanto alunos, mas também enquanto pedras edificantes da nossa *alma mater*, quisemos sempre promover a interligação entre os que aqui passam os seus dias, fomentando conversas e discussões transversais que, de outro modo, talvez não existissem.

Esta batalha, de todo em todo, não se fez nunca sob ótica de uma congregação de atenções sobre o nosso projeto. Quisemos, igualmente, ser o veículo e o palco para que o outros brilhassem: fizemo-lo de cada vez que convidamos as Associações de Estudantes, as Organizações, os alunos e os ex-alunos.

Ainda há muito que podemos fazer... espero que haja também tempo.

D.

A HISTÓRIA DO DIURNA.



UMA AULA DE ARGUMENTAÇÃO E RETÓRICA

Desde o primeiro dia em que estive na Católica Porto, em inícios de 2018, como aspirante a estudante da Dupla Licenciatura que nutri uma enorme curiosidade pelas aulas da Professora Ana Andrade.

Por um lado, eram os comentários dos outros alunos. Por outro, a receção tão particular do *Open Day*, em maio. Lembro-me bem das perguntas acutilantes e das interrogações assustadoras que pairavam. Miúdos, que pouco sabiam, entre graúdos, conscientes dessa nossa ignorância.

Porquê esta analepse, perguntará o leitor?

Porquê esta analepse, perguntará o leitor? Porque foi deste curiosidade intrínseca e acumulada por dois anos que resultou, por via de circunstâncias que não cabem discorrer, aqui, um convite. E é deste convite em diante, nem um dia antes, que merece ser contada a nossa história.

Dia: 30 de setembro de 2020. Horário: 14h30. Local: sala EC024. Evento: Aula de Argumentação e Retórica.

Era mais ou menos isto que rezava a agenda para aquela tarde. Por um lado, o entusiasmo, mas por outro aquela necessidade de discrição que, necessariamente, acompanha quem quer que entra na casa de outros. As perguntas que não deviam ser feitas com plateia exigiam recato e, por esse motivo, era mais que necessário ficar para o final, à conversa.



D.

Um ponto importante: não fui sozinho. Primeiro, porque a Professora Ana me deu abertura para isso, segundo, porque se eu era um curioso, então, o Daniel, aluno de Gestão até ao tutano, ainda mais intrigado estava por conhecer um mundo tão díspar do seu.

Como estava a dizer, ficamos para o fim. Para aqueles comentários e dúvidas existenciais. O contexto era esse e as frases que se precederam não sou capaz de as identificar. Sei somente que a professora Ana disse algo como: “há uns anos tínhamos um jornal cá na Católica, feito por alunos”.

Também não sou muito capaz de contar sobre o que veio a seguir.

(...) há uns anos tínhamos um jornal cá na Católica, feito por alunos (...)

Como disse numa entrevista que demos ao site da Faculdade de Direito, “sou dos que fica profundamente tocado pela ideia ambiciosa de fazer qualquer coisa nova, sem bases”. E foi isso que perspectivei naquele momento. Senti um ímpeto muito grande. Vislumbrei uma oportunidade e quis agarrá-la. Era a minha primeira grande chance de deixar um cunho naquela que já se havia tornado a minha casa há dois anos.

Fui-me embora. A Professora Ana Andrade seguiu para uma aula mais. O Daniel estava a ponderar sobre a vida de estudantes de Direito. E aquilo não me saía da cabeça.

Cheguei ao carro e não fui sequer direto para casa nem escolhi o caminho mais curto.

Nesse mesmo dia, à noite, falei outra vez com a Professora Ana. Perguntei-lhe da viabilidade de reconstruir e re-implementar uma coisa desta envergadura.

(...) sim, parece-me perfeitamente possível re-apresentar o jornal (...)

Falou-me do Critério. E do Sem Critério. Nomes de professores e *alumni* que estavam associados a muitos anos de história. De uma visão, ao mesmo tempo, muito voltada para a Faculdade de Direito. Foi um espécie de pesquisa de campo.

Em suma: “sim, parece-me perfeitamente possível re-apresentar o jornal”.

D.

A PRIMEIRA APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

Das primeiras coisas que tive que fazer para concretizar um projeto como este foi reunir uma equipa. Podia ter imensos planos e ideias a borbulhar. A sua execução, de qualquer modo, não podia ser trabalho para apenas duas mãos.

Mais: quando fosse dar a conhecer às instituições aquilo que estávamos a tentar erguer, precisava de ter a certeza que conseguia seguir em frente, e precisava também de quem contestasse as minhas ideias, quem acrescentasse outras melhores.

Liguei-lhes a todos, no carro, na véspera da reunião que marquei com o Professor Fontaine, o Diretor da Escola do Porto da Faculdade de Direito, e primeira grande passo que demos.

O Daniel. A Catarina. O João.

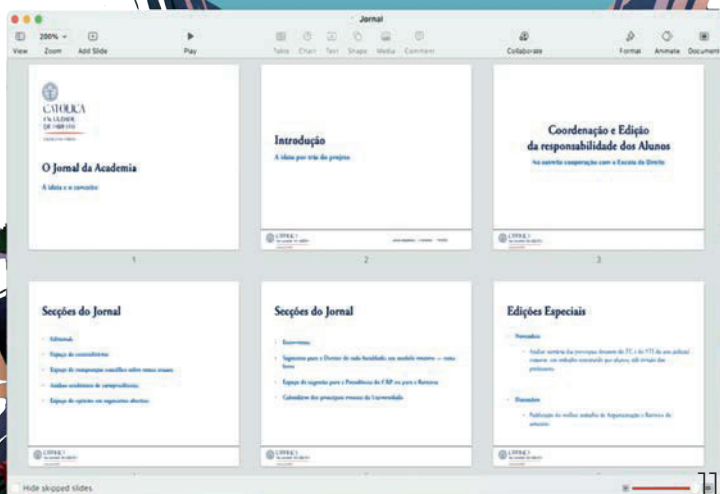
Os três aceitaram. Já nos conhecíamos de outras andanças. Já nos havíamos rido muito e conversado por outros tantos temas. Havia uma certa naturalidade na proposta. E não tive grandes dificuldades em escolhê-los. Como disse, eram a mais óbvia das opções, também pela multiplicidade de perspetivas que traziam para a mesa.

Contei-lhes das linhas gerais: na altura, *Católica Review*, era o nome, e ambicionava chegar a todos os que se interligavam com o Centro Regional do Porto. Uma publicação espaçada no tempo, mas que reunisse todo o tipo de vozes e temas. Com crónicas regulares e outras que variariam de edição para edição. Até

a ideia de um segundo caderno, mais aprofundado, voltado para uma matéria só.

Ahhhh, e claro está, uma publicação digital. Só assim fazia sentido.

(...) na altura, *Católica Review*, era o nome (...)



D.

Terça-feira de tarde, 13 de outubro, primeiro no gabinete da Ana Andrade, depois na Direção da Escola de Direito. A mesma apresentação, ainda muito elementar, levantava o pano e pedia um voto de confiança.

Recebe-mo-lo. Perentoriamente. E também por isso dissemos que partimos desse cunho da Faculdade mais antiga da Católica Porto. Porque o Professor Manuel Fontaine foi a segunda grande ponte. Desta reunião partiram as ideias de incluir elementos mais leves e íntimos, como a crítica gastronómica ou “Os Favoritos”.

Foi também daqui que ponderamos sobre a ideia de mudar o nome, porque se poderia confundir com a *Católica Law Review*. Desse para **Diurna.**, foram umas horas, literalmente.

(...) o Professor Manuel Fontaine foi a segunda grande ponte.



D.



A REUNIÃO

Para juntar 5 pessoas, os editores e a *Madrinha*, dadas as circunstâncias em que vivíamos - e continuamos a viver - só fazia sentido que nos rendêssemos ao Zoom.

Às dez da noite sei que começamos. A que horas terminamos, de facto, isso não consigo dizer com exatidão. É que foi daquelas experiências que se vivem poucas vezes. De imersão.

Porque, por um lado, houve uma química e uma fluidez intensa. Um sentimento de pertença à própria conceção de uma projeto que, como disse, estávamos a criar sem grandes alicerces ou entraves. Ao mesmo tempo, porque era mais do que uma conversa.

Havia imenso trabalho a acontecer ao mesmo tempo.

Chegar à imagem a que hoje toda a comunidade académica associa ao **Diurna**. foi um ato natural. Queríamos algo único e que, de certo modo, homenageasse a casa que nos acolheu, a Faculdade de Direito, cujo agradecimento nunca será suficiente. Ao mesmo tempo, teria que ser elegante, intemporal, moderno e distintivo.

Segredo revelado (...)

A Catarina lembrou-se tão simplesmente disto: traduzir a palavra "jornal" para latim, língua mãe do Direito. *Et voilà*. Segredo revelado, para todos aqueles que ainda não tinham descoberto essa base fundadora. Diurna.

O Daniel, logo ali, esboçou aquele seria o nosso primeiro logotipo. A fonte viria a mudar, mas as cores e o conceito estão lá, desde a primeira reunião. O ponto final. O mote em estilo manuscrito. Aliás, fica uma nota: nos nossos convites, por exemplo, mas não só, ainda assinamos **Diurna.**, com esse dito estilo inicial. Uma homenagem privada que decidimos sustentar.

A Catarina foi dando mais alguns contributos e a evolução do logotipo foi idêntica à seguinte.

Diurna.

DIURNA.

a ousadia de escrever

Diurna.

D.



A EDIÇÃO DE ESTREIA

Fizemos também ali, muito com base nuns esboços que eu e a Professora Ana havíamos rabiscado no seu gabinete, o primeiro alinhamento. Era tudo novo. Muito para inventar. Ainda hoje acho que foi o mais difícil de todos.

Rubricas como “Os Preferidos” ou “Personalidade em Destaque” eram ideias sem corpo. E esse corpo, entretanto, teve que ser densificado, para poder acompanhar os seus protagonistas. Por exemplo, quem seriam as figuras? Essa foi a nossa primeira discussão mais pragmática.

A inclusão da rubrica “Intervenção do Diretor”, que começou com o Professor Fontaine, foi a nossa primeira tentativa de englobar todas as escolas, de alguma forma, nem que fosse de um modo cíclico. Se a Católica Porto, agora concentrada no campus da Foz, é tão plural, não há como ignorar ou não potenciar essa pluralidade.

Lembro-me de que conversamos na esplanada do antigo Bar das Artes (...)

A primeira pessoa que recebeu o nosso convite – e que o aceitou – foi a Professora Rita Lobo Xavier. Lembro-me de que conversamos na esplanada do antigo Bar das Artes, na primeira vez que a revi depois de tantos meses em que as nossas aulas tiveram que ser feitas à distância. Reaprendemos, nessa altura, a circular pelos corredores.



D.

Um outro convite que nos marcou foi o que fizemos à Professora Clara Sottomayor. Mais concretamente, o Daniel fez essa proposta. Enviou-lhe, um bocadinho a medo e, até, com pouca expectativa quanto à obtenção de uma resposta, uma mensagem pelo LinkedIn. Era a oportunidade perfeita para trazer de volta alguém que faz parte da história da nossa Faculdade de Direito, mas, ao mesmo tempo, que tomara outros voos e alinhara nas Magistraturas – diga-se, aliás, que quando mencionamos o termo “Magistraturas” na nossa apresentação oficial, estávamos, em boa verdade, já a pensar neste texto. Seja como for, a Juíza do Supremo Tribunal aceitou escrever para o Diurna..

Foi a primeira Personalidade em Destaque (...)

Depois, tivemos outros tantos momentos marcantes. Estava eu e o Daniel sentados no Negra Café, de Matosinhos, um dos lugares habituais, a par do Terrarea, quando nos ligou o Professor Carvalho Guerra. Queria confirmar-nos a entrevista. Foi a primeira Personalidade em Destaque. Porque só assim fazia sentido: o fundador da Católica Porto na edição de fundação. Muito temos a agradecer à Dra. Carmo Themudo, por isso.



D.



UM PROJETO COMUM?

E stava já muito disto a correr, quando, diretamente do próprio Professor Fontaine, soubemos do relançamento do jornal Critério. Essa informação foi, na verdade, um desafio. O de que as duas equipas conversassem e averiguassem da possibilidade de construir um projeto comum, que partisse das mesmas bases.

Na altura, sei que qualquer um de nós ficou reticente... como escrevi, estávamos a construir uma riqueza à imagem dos quatro autores. Fosse essa imagem boa ou má, muito própria, não queríamos cedê-la. Só assim fazia sentido a aventura.

Mas fizemos a reunião. Num dia à noite.

Percebi rapidamente o que o instinto já nos dizia: não era possível que fizéssemos de dois projetos um só. A mutilação que ambas as partes teriam que fazer para (tentar) criar uma visão comum frustraria todos.

E ainda bem que tivemos a elevação para o perceber. A comunidade saiu a ganhar pela, lá está, multiplicidade e pluralidade de formas e conteúdos que dois jornais podem proporcionar.

(...) não era possível que fizéssemos de dois projetos um só.



CRITÉRIO

D.



O PADRINHO

Um outro momento que modelou as nossas regras foi uma conversa que tivemos a quatro, na Católica. Estava eu, estava o Daniel, o Professor Agostinho Guedes e a Professora Ana Andrade.

Por nós, fez mais que muito, porque nos abriu portas. Porque, logo à cabeça, nos incentivou a criar os nossos Estatutos Editoriais, por exemplo. E mais, foi o seu lado experiente e visionário que nos dissuadiu de tentar criar uma publicação mensal, apenas interrompida no mês de janeiro.

O **Diurna.**, sem esses conselhos, seria certamente muito diferente. Antes mesmo de o fazermos, talvez pelas pisadas que já havia calcorado nos seus tempos de estudante-editor do jornal universitário, já o mesmo sabia como seria pesaroso tratar da paginação e alinhar tudo nos prazos devidos.

Tinha também razão quando nos disse que passaríamos ótimos momentos, em grandes noitadas, que nos ensinariam tanto ou mais do que aquilo que os de fora alguma vez veriam.

(...) foi o seu lado experiente e visionário que nos dissuadiu de tentar criar uma publicação mensal (...)



“

"Ainda me custa a acreditar que este projeto tenha sido erguido em tão pouco tempo e que o resultado final tenha tanta qualidade. Nota-se cuidado em todos os detalhes, na escolha dos temas e seu tratamento, na apresentação exterior, no grafismo e, até, no próprio nome escolhido para o jornal. Os alunos do CRP da Universidade Católica têm um jornal de que se podem orgulhar, um jornal feito por alunos das várias unidades académicas, que consegue um equilíbrio interessante entre vários temas (Direito, Economia, Psicologia, etc.) sem se tornar snob, e que não esquece outros assuntos mais mundanos, mas sem cair na vulgaridade. Faço votos para que tenham sempre a energia e o tempo necessários para dar continuidade a este excelente projeto. Parabéns."

Agostinho Guedes,
Testemunho disponível em jornaldiurna.com

D.



O SUBENSHI

Se, enquanto alunos, a alteração para o modelo online foi árdua, não mais foi a que o setor da restauração sofreu no ano que marcou a fundação do **Diurna**.. As *review* a dois, a que nunca demos nome, são, assim, a junção de um querer ajudar e de, simultânea e distintamente, partilhar ideias leves sobre como podem os nossos leitores desfrutar de tempos livres e ajudar a economia do setor.

As review a dois, a que nunca demos nome (...)

Com dois *foodies* ao barulho... adeptos dos blogs gastronómicos, claro que nos auto-propusemos, sempre, a fazer um bom trabalho de casa.

Quando quisemos fazer o nosso primeiro almoço, deixamos a Professora Ana escolher o lugar. Por elegância. Por cortesia. E porque mal servidos não ficaríamos.

Fomos ao Subenshi. Pela história de um palacete que foi comprado para que o filho de uns abastados senhores o pudesse transformar. Pela cozinha. Mas, acima de tudo, pela conversa, foi daquelas experiências

que é pena termos repetido menos vezes do que gostaríamos... o tal segundo confinamento.

Não faltaram graças e ideias para aquilo que viria ser a nossa terceira edição, ainda mais ousada que as anteriores. Mas não só... falamos também de coisas sobre as quais nenhum de nós se atreve a escrever. Se de outro modo fosse, perderiam a graça...

Quase a vir embora, o Daniel voltou para trás, subiu as escadas duas a duas, e tirou uma fotografia a uma das salas mais bonitas. Era reportagem fotográfica para a paginação que viria depois.

Convém ainda dizer que fomos quatro, em vez de cinco. O João confundiu as datas.



D.



A REITORA

A ideia de convidar e entrevistar a Professora Isabel Capelo Gil, como nossa “Personalidade em Destaque”, estava nos planos do jornal desde o primeiro momento. Aliás, chegamos a entreter a ideia de proporcionar essa conversa no número de estreia. As circunstâncias, de todo em todo, não nos conduziram a esse caminho.

Por um lado, porque o tempo escasseava, numa primeira edição onde tudo tinha que ser pensado de raiz e para a qual os prazos eram particularmente curtos. Quando ditamos a periodicidade de duas edições por semestre, desafiamos-nos a cumprir com essa métrica desde o início, o que implicou que, em novembro e dezembro de 2020, sem espaçamento maior do que um mês, surgissem dois volumes. Não é uma prática que queiramos corrente, porque os constrangimentos de tempo foram extenuantes. Ainda assim, não temos dúvida de que aquele tinha que ser o tom para fazer a partida.

(...) construíram e moldaram a credibilidade de um projeto (...)

Mas, no meio de tudo isto, o importante é chegar ao momento em que contamos ao leitor como, de um modo totalmente inesperado, conseguimos entregar pessoalmente o convite à Senhora Reitora.

A 25 de novembro, pouco depois da estreia oficial, estava eu e o Daniel, numa das salas do *campus*, em dia de alguma chuva miúda, em corre corre. Duas caixas, em cada uma delas cerca de 20 exemplares do jornal, envelopes e uma daquelas *fountain pen*, que dariam para nomear os destinatários com alguma graça adicional.

Muito graças ao apoio institucional que recebemos, nesta altura, fomos capazes de proporcionar a entrega de uns quantos exemplares físicos aos autores que colaboraram connosco e que, como lhes dissemos em notas personalizadas, “construíram e moldaram a credibilidade de um projeto”. Foi a nossa forma de demonstrar uma imensa gratidão e, em simultâneo, expandir a imagem de um trabalho que queríamos que fosse conhecido pelas instituições.

Neste dia, talvez porque a Vida assim o entendeu, e as circunstâncias se alinharam de um modo que, planeado, dificilmente teria dado resultados tão concretos, acabamos no corredor forrado a madeira da Presidência do Centro Regional, pelo menos, umas três vezes.

(...) as circunstâncias se alinharam de um modo que, planeado, dificilmente teria dado resultados tão concretos (...)

D.

Vou sempre recordar com estima o elogio ao cuidado que tivemos.

A primeira, porque fomos à Dra. Cristina Moreira, responsável pela marketing e relações públicas da Católica Porto. A sua simpatia desmedida e a disponibilidade com que nos apresentou, divulgando a vários títulos o **Diurna**, merecia da nossa parte toda a consideração. Decidimos, portanto, entregar-lhe também um exemplar.

Vou sempre recordar com estima o elogio ao cuidado que tivemos.

Na porta ao lado, ficou uma recordação também para a Dra. Maria Lopes Cardoso. Fazia todo o sentido que assim fosse, para lá, inclusivamente, do apoio que nos deu, e dá, sistematicamente, para construir a rubrica “Vida no Campus”. É mais do que isso. A Dra. Maria foi a primeira a dar palco público ao **Diurna**, e, verdade seja dita, trocou-nos as voltas e impulsionou a apresentação do projeto mais cedo do que aquilo que havíamos, inicialmente, imaginado. No evento “Rumo”, que esta coordenou, foi criado um espaço para as associações de alunos se mostrarem e poderem dar a conhecer o seu potencial aos pares. O convite para que, aqui, eu pudesse fazer a nossa apresentação ao mundo foi, antes de qualquer outra coisa, uma honra. Figurou o jornal junto de outras associações com provas dadas na Católica e que muito contribuíram para o seu crescimento. Associações que mais tarde, junto com outras, viemos a destacar: o CIC ou a CSC, por exemplo.

Enviamos, também, um exemplar para o Senhor Presidente da República. Aqui, tínhamos acabado de preparar esse envelope.

Entretanto, saídos destes dois gabinetes, faltavam entregar dois envelopes. Ao Professor Francisco Carvalho Guerra, a nossa primeira Personalidade em Destaque, e que cuja entrevista fizemos naquele mesmo lugar; e à Professora Isabel Braga da Cruz, a primeira a revelar os seus “Preferidos”.

Nesse dia, voltamos a reencontrar André Moreira. Membro das equipas da Presidência, foi muitas vezes o nosso relógio, sugerindo-nos os *timings* perfeitos para conversas que são, em última análise, um dos maiores ganhos que a Equipa tira deste projeto.

Como a Presidente do Centro Regional estava no seu gabinete pedimos-lhe que nos avisasse de uma boa ocasião para que esta nos recebesse. Tínhamos em ideia, pelo menos, entregar-lhe em mãos o seu exemplar. E assim foi, estávamos a chegar à sala de onde havíamos saído meia hora antes, no piso térreo, e já o Sr. André nos ligava para subirmos.



D.

(...) querem entregar-lho pessoalmente? Está, aqui, na sala ao lado.

Entrar no gabinete da Presidência e, sentados a uma mesa redonda, poder mostrar o que tínhamos feito, contar sobre como ambicionamos ser um chapéu que cubra todo o centro regional, com o intuito de imiscuir as faculdades e os saberes dos corredores, foi, daqueles momentos, que mais me marcaram. Porque é o tempo de alguém que tem pouco tempo disponível e que, ainda assim, entendeu que o nosso esforço e, quiçá, mérito, era merecedor dessa atenção. Contou-nos a Professora Braga da Cruz muito sobre o que imaginava da Católica, sobre o que a preocupava nos alunos que, por terem ingressado neste ano tão atípico, haviam perdido elementos fundamentais de conexão à sua *alma mater* e, quando lhe pedimos para fazer chegar à Reitora o convite oficial para brilhar na próxima entrevista, esta disse: “querem entregar-lho pessoalmente? Está, aqui, na sala ao lado.”

Caramba, qual era a probabilidade disto acontecer? O enorme privilégio. Ficamos radiantes. Ahhhh, e claro está, aceitamos prontamente.

Andamos de um lado para o outro, no corredor, junto aos sofás pretos, onde nunca nos sentamos. Fomos até ao terraço, sempre de olho na sala de reuniões de onde deveria sair a mulher que, mais tarde, nos diria “estou Reitora, não sou Reitora”.

Foi num daqueles intervalos entre compromissos de agenda que fomos chamados, pelo André.

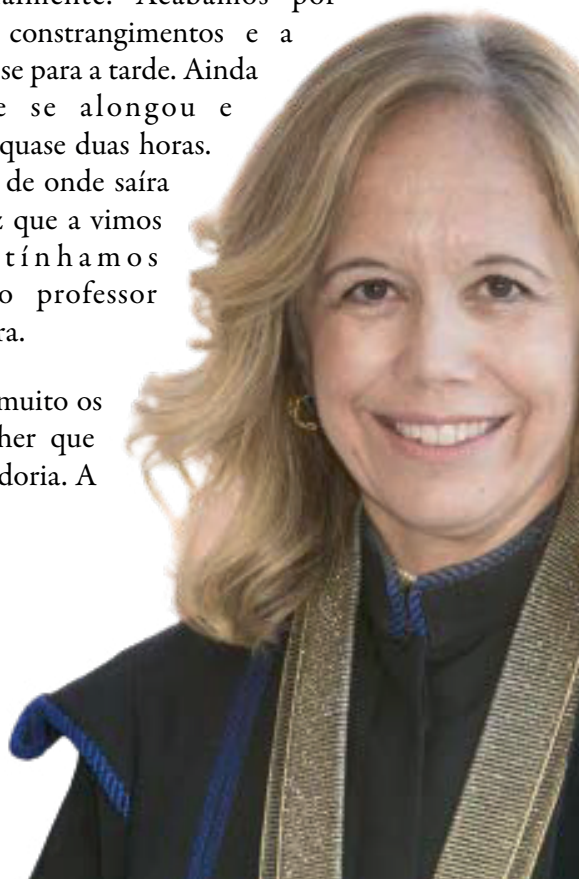
Apresentamos-lhe o nosso conceito, oferecemos-lhe mais um envelope com a 1ª Edição e, finalmente, fizemos o convite. Honestamente, achávamos que se comprometeria a enviar as respostas por escrito, ou algo semelhante. Mas não. Na sua

Foi daqueles privilégios que sei que poucos tem, mas que honra muito os que trabalharam para o alcançar. Porque conhecemos a Mulher que coordena os destinos da Católica. A garra. A inteligência. A sabedoria. A visão humanista. Global. A pedagoga que, à data, está Reitora.

O enorme privilégio.

próxima visita ao Porto, daí a umas duas ou três semanas, reservaria espaço para nós na agenda.

E assim fez. Não para a manhã, como estava pensado inicialmente. Acabamos por enfrentar uns constrangimentos e a conversa adiou-se para a tarde. Ainda bem. Porque se alongou e distendeu. Por quase duas horas. Na mesma sala de onde saíra da primeira vez que a vimos e onde já tínhamos entrevistado o professor Carvalho Guerra.



D.



A ESCOLA DAS ARTES dos *audiobooks* às sessões fotográficas

Quando estávamos a preparar a 2ª Edição, decidimos que queríamos construir uma ligação (ainda) mais próxima com a Escola das Artes. Fazia sentido que assim fosse porque tínhamos um conjunto de sonhos e de planos que só poderiam ser concretizados junto das capacidades técnicas e do engenho daqueles que fazem dela uma referência a nível nacional.

Nesse sentido, inclusivamente, chegamos a reunir com o Dean, o Professor Nuno Crespo, tendo antes partilhado a nossa ideia com a Presidente do Centro.

(...) menos do que um sucesso e mais do que uma mera oportunidade perdida.

Infelizmente, esta parte da nossa história é menos do que um sucesso e mais do que uma mera oportunidade perdida. É um plano que, mesmo que esteja na gaveta, por agora, pode muito bem vir a ganhar pernas.

E foram, também estas tardes, um ganho pelas pessoas que conhecemos e por aquilo que partilharam connosco. O Sr. Pedro, cujo apelido nunca descobri, é uma espécie de guardião do tesouro que, sem sabermos, está guardado por trás de cada uma das paredes da Escola das Artes. Desde o material técnico, requisitado por grandes empresas de

comunicação a nível nacional, aos equipamentos sempre disponíveis para os alunos que, até nas madrugadas, podem usar e experimentar forma de dar corpo aos seus sonhos.

Nessa visita guiada que nos fez, muito por causa do **Diurna.**, soubemos da riqueza e do potencial de uma faceta do nosso *campus* que, por muitos, é completamente ignorada.

Foi numa destas visitas, a mesma altura em que, nos estúdios, fizemos um conjunto de fotografias que pululam por esta Edição Especial, e não só, que demos de caras com uma sala de gravação de áudios, preparada para gravar a voz daqueles que liam textos colocados nos suportes à sua frente.

Se a Vida fosse um desenho animado, o mais certo, era que o enquadramento estagnasse e se acendesse uma pequena lâmpada.

O Sr. Pedro, cujo apelido nunca descobri, é uma espécie de guardião do tesouro (...)

D.

Naquela altura, uma outra Edição Especial, que antecedia esta, estava a ser coordenada pelo Daniel, da nossa equipa, e pela Professora Ana Madsen que, quando foi surpreendida no Bar Central por um convite que lhe interrompeu a *sanduíche* de almoço, não hesitou por segunda em fazer parte do nosso trabalho.

Como o texto tinha sido feito a dois, imaginem o quão impressionante não teria sido vê-lo transformado numa conversa (...)

Esta EE, como lhe chamamos em conversas rápidas no grupo do *WhatsApp*, sobre “As Contas do Estado”, tinha, a nosso ver, tudo para ser um sucesso capaz de atrair para lá de muita gente. E se é verdade que esse pressentimento se confirmou, é apenas dececionante que nunca tenhamos chegado a cunhar uma nova forma de apresentar o nosso produto.

Como o texto tinha sido feito a dois, imaginem o quão impressionante não teria sido vê-lo transformado numa conversa,

gravada naquelas *boxes*, e disponibilizado no nosso site?

A pandemia e o segundo confinamento estragaram-nos os planos e nunca chegamos a ir em frente. Mas quem sabe, um dia, não ressuscitamos esta ambição? Estou sempre a dizer que não podemos fazer tudo de uma vez...

(...) quem sabe, um dia?

E é que, permitam-me regressar, não imaginávamos mesmo ser constrangidos pela sequência de acontecimentos do início deste ano. Aliás, esse incredulidade da nossa parte deu mesmo aso a uma tirada com muito humor, da última vez que estivemos com a Professora Capeloa Gil, já em finais de abril: “Sabe Professora, nós tínhamos, de facto, preparadas perguntas para a nossa conversa a propósito de um novo confinamento... só que, como nos parecia uma conjetura tão académica, nem avançamos por aí. Duas semanas depois de publicada, percebemos a oportunidade perfeita que tínhamos tido para conhecer um *roadmap* adiantado e em exclusivo!!” A Reitora riu-se connosco.

D.



O CAOS NO LANÇAMENTO DA 3ª EDIÇÃO

Se entrarem no nosso site, leem, desde logo, que *temos a ambição de, paulatinamente, evoluir*. Ora, se achávamos que a 1ª Edição era já o melhor que conseguíamos fazer, foi uma sensação incrível a admirarmos a evolução do que construímos. Melhor de dia para dia... mas, na nossa ideia, sempre com espaço para melhorar. Em março, é verdade que conseguimos uma edição de peso, não só em quantidade como em qualidade... e os programas informáticos deram por isso.

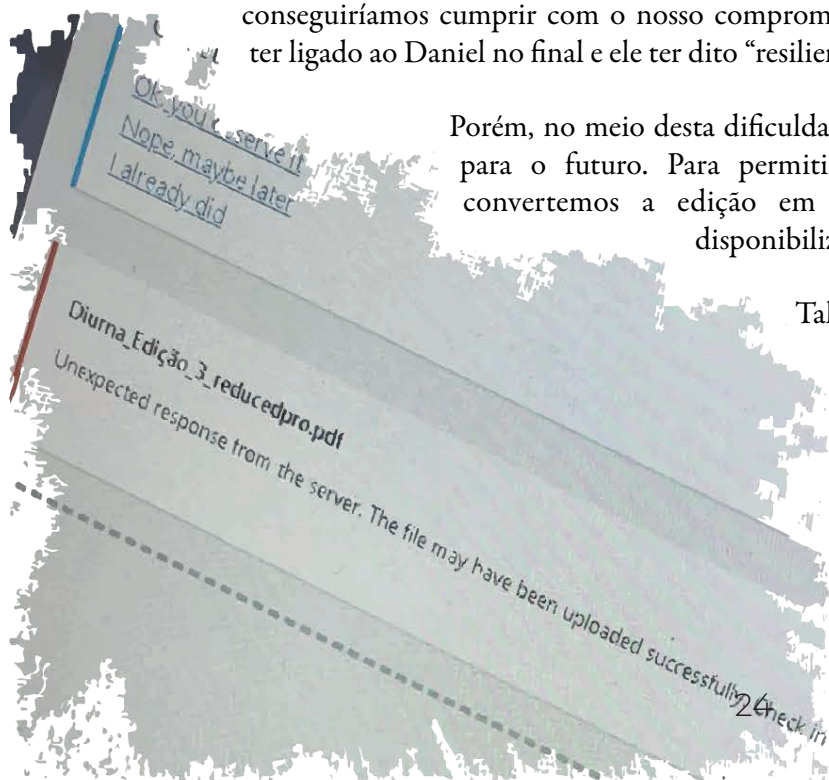
Esta qualidade acrescida no design e a introdução da rubrica *Arte em Destaque* tornaram o ficheiro que usualmente partilhamos no nosso site em algo muito pesado... mesmo muito pesado... não foi possível partilhar a última edição da mesma forma que o tínhamos feito anteriormente! Não funcionavam os métodos de sempre. Não resultavam as soluções que procurávamos online. Estavam três pessoas em volta dos ficheiros e, duas dessas pessoas, estavam praticamente sem dormir. Sem exagero, foram 10 as tentativas... adiamos o lançamento do meio-dia, como é habitual, para o final da tarde, inclusivamente.

(...) ainda aprendemos uma coisa ou duas para o futuro.

Lembro-me de ter finalmente conseguido e, sem fôlego para mais, ter-me desligado o computador o fim de semana inteiro. Foi uma pressão muito grande imaginar que não conseguiríamos cumprir com o nosso compromisso. Frustrante, mesmo. Lembro-me de ter ligado ao Daniel no final e ele ter dito “resilientes nós somos”...

Porém, no meio desta dificuldade ainda aprendemos uma coisa ou duas para o futuro. Para permitir uma melhor experiência de leitura, convertemos a edição em ePub, aproximando-a a um *e-book*, disponibilizando tais formatos pela primeira vez.

Talvez esse seja uma daqueles “azares dos Távora” que até trouxe algo de bom.



D.

E AGORA?

O que virá a seguir? Honestamente, não sei. É difícil de dizer. Não que o projeto esteja na reta final ou já tenho entrado num nível de maturidade tal que, simplesmente, já não haja mais para onde crescer. Pelo contrário.

Contudo, esta ideia, como tive a oportunidade dizer logo no início, nasce com um propósito, muito à imagem daqueles que são os seus membros e fundadores.

A partir de setembro há mudanças a fazer: a saída do Daniel, o principal responsável pelo processo gráfico de paginação, por exemplo, ditará que tenhamos que seguir outro caminho. Não sei se melhor ou pior. Mas diferente. E isso é entusiasmante. Está tudo por provar. Há muito para repensar.

Ao mesmo tempo, temos um grande sonho por concretizar e que, pelas circunstâncias da pandemia, estará adiado, pelo menos, até ao próximo outono: “As Conferências do **Diurna**.”. Disso, falo muito menos do que gostaria, porém, muito mais do que o que devia... é que sabem... o segredo é mesmo a alma do negócio.

Deixo dois grandes reptos (...)

Deixo dois grandes reptos que se assumem, na verdade, como intenções:

Primeiro, a pluralidade do **Diurna**. quer fazer-se dentro e fora das portas da Foz. Posto isto, há uma clara vontade da nossa parte, conforme conversamos com a Senhora Reitora, de poder estender os autores da nossa publicação aos membros de outros *campi* e, por consequência, o público alvo.

Segundo, de novo, a pluralidade vem, igualmente, daqueles que são a base fundadora do **Diurna**., a sua Equipa. Deste modo, deixo-vos o desafio: se gostavam de se juntar a nós, a equipa quer crescer, aliás, precisa de crescer e, por isso, estamos à espera de todos aqueles que tenham a ousadia de escrever e de pensar uma visão como esta.

Vemo-nos em outubro, no lançamento da 5ª Edição do **Diurna**.. Até lá, mantenham-se sagazes.



D.

TESTEMUNHOS



ISABEL BRAGA DA CRUZ
Presidente da Católica Porto

Muitos parabéns!

Todos os estudantes envolvidos no Diurna estão de parabéns! Em novembro de 2020, em plena pandemia, um grupo restrito de estudantes lançou o primeiro número de um projeto ambicioso e que muito nos orgulha - o primeiro jornal académico da Católica no Porto, dirigido exclusivamente por estudantes.

Em três edições, e utilizando diferentes formatos, deram voz a pessoas que nos seus diferentes papéis contribuem para a construção de uma maior e melhor Academia. Contaram histórias, e memórias, desafiaram os estudantes e a sociedade civil. Asseguraram a multidisciplinariedade e a sobriedade dos temas. A sua participação, juntamente com o empenho e garra da equipa editorial, permitiu que este projeto se afirmasse e se distinguisse pela integridade e relevância que tão bem caracterizam este jornal académico.

É um orgulho observar e ver crescer um sonho que se tornou realidade. Este é um projeto transversal a todas as Unidades Académicas da Católica no Porto e que se dirige a diferentes públicos. É um gosto ver a forma como os nossos estudantes abraçam este desafio e o conduzem a bom porto com grande determinação. Este é um ótimo presságio para o Vosso futuro!

Agradeço, em nome da Católica no Porto, todo o empenho e dedicação! Que esta 4ª edição seja mais uma, de muitas edições, de tão nobre projeto!



D.



MANUEL FONTAINE Diretor da Faculdade de Direito - Porto

O projeto *Diurna*. nasceu, como é sabido, da intenção dos seus dedicados e ativos promotores em recriar um jornal dos estudantes, tal como havia existido no passado, designadamente o jornal dos estudantes da Faculdade de Direito (o jornal *Critério*).

Quando o Nuno Brochado de Agarez me abordou para apresentar esse projeto, foi com entusiasmo que o acolhi. Não posso esconder, no entanto, que foi também com alguma expectativa que aguardei pelo surgimento do primeiro número e, depois, ainda mais, pelo surgimento do segundo. É que não era a primeira vez que estudantes me abordavam com essa ideia, e com projetos ambiciosos, de publicação de várias edições. Mas, por regra, depois do primeiro número, o projeto caía num estado letárgico do qual quase nunca saía.

É, assim, com inegável gosto que assisto à publicação, ainda no primeiro ano, da 4.^a edição do *Diurna*., testemunho da competência e proatividade dos seus editores. Ainda mais notável é a circunstância de, em cada edição, terem conseguido publicar um caderno adicional sobre um tema de particular interesse.

Finalmente, a perspetiva interdisciplinar, não se ficando pelo Direito e pela Gestão, área de origem dos fundadores, mas alargando-se à Psicologia e à Biotecnologia, por exemplo, gera a expectativa de que o *Diurna* possa tornar-se no jornal de e para todos os estudantes da Universidade Católica no Porto.

Perguntam-me como gostaria de encontrar o *Diurna* daqui a um ano. Dado o nível de desenvolvimento que o projeto já alcançou, espero encontrá-lo exatamente na mesma. Será sinal de que se consolidou na Católica no Porto um dos mais inspiradores projetos estudantis dos últimos anos.



D.



AGOSTINHO GUEDES O Padrinho

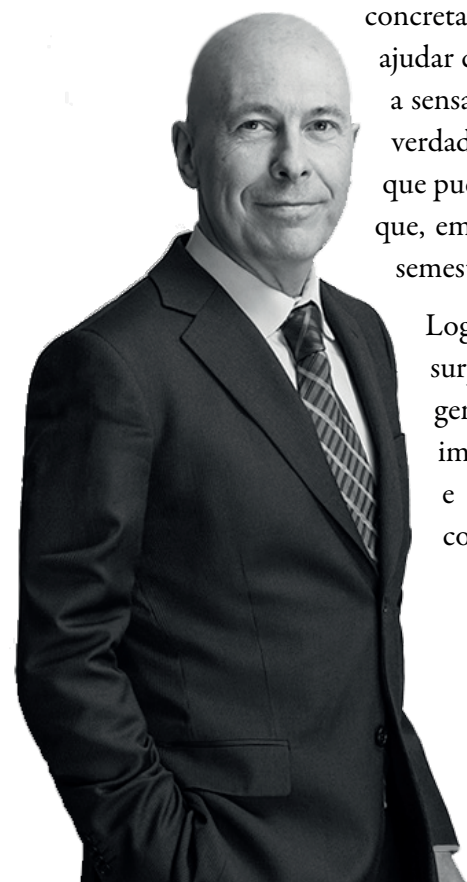
Foi em inícios ou meados de outubro de 2020 que tive uma conversa com a minha Colega Ana Andrade, a qual me falou de uns jovens que pretendiam criar um jornal do Centro Regional do Porto da UCP e me desafiou a partilhar com eles a minha (parca) experiência de jornais universitários.

Nessa conversa, reencontrei o Nuno Agarez e conheci o Daniel Fonseca; falamos sobre as ideias que ambos tinham para um jornal novo, digital de, e para, os alunos e docentes dos vários cursos do CRP.

Lembro-me de ter ficado agradavelmente surpreendido com o entusiasmo do Nuno e do Daniel e com o facto de perceber que já tinham ideias bastante concretas do que pretendiam levar a cabo. Era bem mais do que “queremos fazer um jornal”. Percebi a ambição de querer fazer algo que combinasse trabalhos de qualidade científica, interessantes para os leitores (que não teriam de ser apenas os estudantes), com aspetos mais mundanos, que tivesse contributos de docentes, de alunos, mas também de pessoas destacadas da nossa sociedade.

Já tinham um nome, muito bem escolhido; já tinham uma ideia razoavelmente concreta, e já tinham um padrão. À medida que a conversa fluía, fui tentando ajudar com algumas indicações que me pareciam úteis, e cada vez mais ficava com a sensação que tinha ali um grupo de pessoas mesmo empenhadas em fazer algo verdadeiramente interessante; pensei que tinha de os ajudar de todas as formas que pudesse. Tenho a ideia de ter sugerido que pensassem num estatuto editorial e que, em vez de números mensais, pensassem antes em um ou dois números por semestre.

Logo no primeiro número vi que não me tinha enganado. Um grafismo surpreendentemente elegante (na minha opinião, melhor do que o da generalidade dos jornais de implantação nacional), artigos interessantes e importantes, temas mais prosaicos, mas interessantes e úteis, nada em excesso e nada em falta. Um resultado final sóbrio e elegante, na forma e no conteúdo. Um belíssimo trabalho.



D.



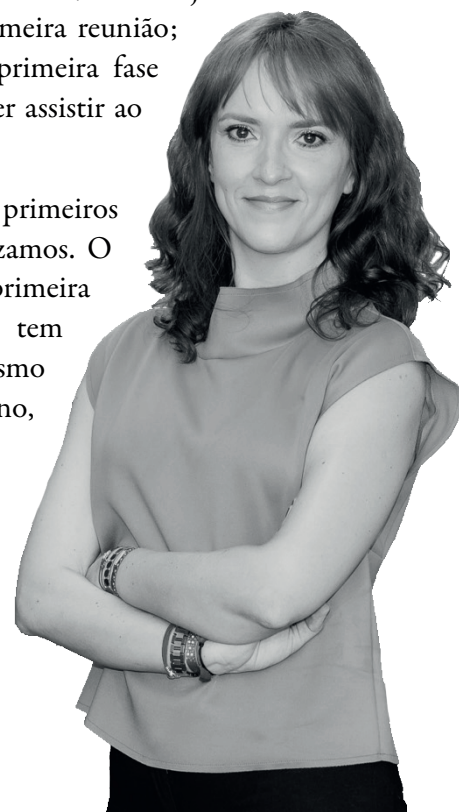
ANA ANDRADE A Madrinha

Se considerarmos que não há ação humana sem intencionalidade, é certo que, naquele fim de tarde de outono, depois de mais uma aula de Argumentação e Retórica a que haviam assistido dois alunos não matriculados, terá havido uma qualquer motivação da minha parte, ainda que inconsciente, quando, durante a conversa de despedida, lhes falei na falta que fazia, na Universidade Católica em geral, e no Centro Regional do Porto em particular, uma publicação periódica feita por estudantes. Sempre achei que frequentar o ensino superior deve ser muito mais do que a componente estritamente académica, e gosto de ver erguida a voz dos estudantes, para além das matérias lecionadas. Por que se interessam? O que os inquieta? A quem gostariam de fazer perguntas? Que perguntas?

Se entendermos a Universidade no seu sentido literal, como uma miríade de saberes que se intercetam e relacionam, para além daquilo que os alunos vêm aprender, há necessariamente o muito que têm para nos ensinar – é assim que as instituições se renovam e mantêm atentas ao seu público-alvo, é deste modo que professores e alunos são mais do que sujeitos em diferentes lados da barricada.

Mas tergiverso. Quando, naquele dia, lhes falei deste assunto, como falara já a tantos outros, não esperava que o Nuno e o Daniel o levassem tão a sério como eu: daí a umas horas, depois de jantar, já tinham um plano para a primeira edição; daí a um par de dias, haviam já construído uma equipa; passada menos de uma semana, tivemos a primeira reunião; depois, os contactos mais institucionais, que acompanhei só numa primeira fase (muito curta, até os ver descolar, o que aconteceu desde logo) – e poder assistir ao trabalho que têm edificado tem sido um privilégio incomparável.

Estou acostumada a ver muitos sonhos, mas poucos objetivos – e se os primeiros são importantíssimos, é no cumprimento dos segundos que nos realizamos. O Diurna. é uma realização, desde o primeiro dia, ainda antes de que a primeira edição visse a luz do dia; e, desde então, a única coisa que me tem surpreendido é a capacidade que esta equipa tem de manter o mesmo entusiasmo com que receberam o desafio naquele final de tarde de outono, e de superarem sempre, em rigor e em conteúdo.



D.



ANA MADSEN
Co-Autora da 3ª Edição Especial

Um Orgulho imenso nestes alunos, neste projeto.

Numa sexta-feira de Outubro 2020 decidi almoçar no Bar Central da Universidade Católica. Tinha muito pouco tempo entre aulas por isso o meu almoço resumiu-se a uma sande de atum. Nessa semana tinha recebido um e-mail do Nuno Brochado de Agarez a pedir para falarmos e, perante a insistência para que falássemos o mais cedo possível, lá marquei para aquela *mui curta* meia-hora do meu almoço. Desta forma consegui juntar o útil ao agradável - arranjei companhia para o meu almoço.

Pontualíssimos, (outra coisa não seria de esperar) lá chegaram o Nuno e o Daniel Fonseca. Com o dinamismo e assertividade que os caracteriza foram diretos ao assunto:

“Professora, temos um convite para lhe fazer. Gostaríamos muito que a professora escrevesse um artigo para o jornal da Católica, o Jornal Diurna.. A Edição Especial da 2ª edição do Jornal fica à sua inteira responsabilidade. O Daniel fica seu assistente, sendo que a professora tem carta-branca para decidir sobre o tema”.

Mas que tema, perguntei eu?

“Gostaríamos muito que fosse um assunto de gestão, que fosse do interesse dos alunos, que fosse um tema atual, fraturante, pertinente e relevante (só isso??). E se não for pedir muito professora, escreva de uma forma que seja acessível a todos... umas 20 páginas. Tem um mês para o fazer (!!!)”. Conversámos mais um pouco, esqueci-me da minha sande de atum, e, ao fim de 15 minutos, lá estava eu a aceitar o desafio. Decidi escrever sobre *As Contas do Estado Português – ou melhor, sobre a falta destas!* Passado um mês, e sempre com a ajuda preciosa do meu incansável aliado Daniel Fonseca, tinha um artigo com 47 páginas pronto. Prova superada!



D.

O que senti e pensei? Um enorme orgulho nestes alunos que levantaram do zero este jornal tão inovador. A verdade é que esta equipa do jornal **Diurna.** tem qualquer coisa de muito especial. Com uma grande dose de loucura (só assim se compreende terem-se aventurado em tamanha epopeia), obrigam-se atingir níveis de perfeição elevadíssimos – conciliando este trabalho evangélico e pioneiro com o percurso académico normal de qualquer estudante (paralelamente têm de arranjar tempo para estudar para os exames). São dinâmicos, arrojados, rigorosos, talentosos, motivados e apresentam sempre um produto de grande qualidade. Basta desfolhar o jornal para perceber que há aqui muito trabalho de bastidores: a elegância dos grafismos, a importância que é dada aos detalhes, a surpresa nos pormenores; lembro-me de falar com o Daniel Fonseca e de ele me dizer que o grafismo teria de causar impacto, tinha de ser como o do jornal “Expresso”. Achei bem, ... claro!

O jornal **Diurna.** faz hoje parte do universo Universidade Católica do Porto; faz parte desta instituição. É um produto sério, feito com muita dedicação, muito esforço, é um jornal inclusivo (inclui contribuições das várias faculdades) e com uma qualidade notável. Bem hajam e votos de muito sucesso.



D.



GONÇALO SOUSA Um Amigo

Volvidos 7 meses de existência e 3 edições publicadas, o jornal **Diurna.** é categoricamente o jornal da universidade católica com olhos postos nas maiores personalidades do nosso país.

Foram várias as vezes em que o meu telemóvel tocou, por vezes em horas inusitadas, em que do outro lado se procurava um conselho ou um olhar externo. Em todas essas chamadas ouvia sempre um “e se...? E que tal se...? Não seria boa ideia se...?”

A verdade é que estes “se’s” foram uma constante e permitiram à equipa **Diurna.** ir sempre mais longe a cada edição que passava, (uma missão cada vez mais difícil).

Hoje, orgulhosamente posso dizer que vi este projeto crescer de uma forma rápida e eficiente graças à grande aspiração e dedicação da equipa que dele fazem parte, particularmente ao meu grande colega e amigo Nuno Brochado de Agarez, ao qual parabeno desde já por todo o trabalho desenvolvido.

Enquanto aluno, é uma satisfação poder dizer que o jornal **Diurna.** pertence e nasceu das raízes da nossa universidade, e que pelo seu pluralismo congrega todas as nossas faculdades tendo espaço para todas as áreas. Mais do que isso, é um jornal que tem espaço para dar voz aos alunos permitindo a participação de todos de forma ativa.

Pelo sucesso neste primeiro aniversário, parabeno toda a equipa que sonhou e concretizou com este projeto. Ambiciono que as próximas edições sejam tão ou melhores do que as que tivemos até hoje! Um bem haja a toda a equipa!



Ao Tomás, o companheiro e conselheiro de todas as aventuras.

NBA

Diurna.

Ao Rúben, por me apoiar em todos os meus sonhos.

LCF

Diurna.

À Professora Ana Madsen, por me ter ensinado com enorme engenho e
por ter lapidado quem sou hoje.

DF

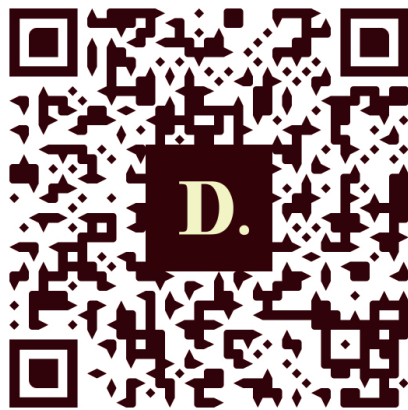
D i u r n a .

Ao Professor Fábio Russo, pela forma indelével como marcou o meu
percurso académico.

JPC

D i u r n a .

OS TEXTOS DOS AUTORES CONVIDADOS
NÃO SÃO SUJEITOS A QUALQUER PROCESSO
DE REVISÃO, POR RESPEITO AO ESTILO
PRÓPRIO DE CADA UM.



D.

EDITOR IN CHIEF

NUNO BROCHADO DE AGAREZ

EDITOR

HEAD OF DESIGN

DANIEL MADUREIRA FONSECA

EDITORS

LÚCIA CATARINA FERREIRA

JOÃO PAULO COUTINHO